

## **Memória e Sociedade em Ecléa Bosi: uma leitura metodológica e sociológica**

José Soares \*

Para escrever *Memória e Sociedade - Lembranças de Velhos*, Ecléa Bosi, procurou, através da técnica da pesquisa história de vida reconstituir a memória dos indivíduos no âmbito de cotidianidade. Para isso não recorreu apenas ao método dialético (à relação vida entre sujeito e objeto, quantidade/qualidade, e vice-versa); ela penetrou fundo no campo da psicologia social, foi mais além, fez incursões pela filosofia, passando pela antropologia e a sociologia, para elaborar uma *história de vida*, a partir de seu próprio método. A autora consegue conciliar, com extrema riqueza e competência, as mais diferentes abordagens metodológicas, para chegar a uma importante síntese: a recomposição do quadro de memória da evocação em disciplina (no sentido de repor a memória como trabalho), da memória-trabalho. Nesse sentido, a autora afirma que:

O principal esteio do meu método de abordagem foi a formação de um vínculo de amizade e confiança com os recordadores. Esse vínculo não traduz apenas uma simpatia espontânea que se foi desenvolvendo durante a pesquisa, mas resulta de um amadurecimento de quem deseja compreender a própria vida revelada do sujeito (Bosi, 1995, p. 37-38).

As narrativas do livro retratam o apanhado de memórias de velhos, uma camada da população subjugada pela dependência e opressão marcada pela sociedade capitalista assinalada pela exploração do trabalho assalariado impedindo o velho de exercer sua função social. O velho acaba sendo literalmente excluído da sociedade! Logo, trata-se de uma memória social, uma psicologia do oprimido, o qual revela de como a diferença de seus trabalhos é determinante na produção de lembranças. É possível recuperar a memória a partir dos relatos de algumas pessoas entrevistadas pela autora que expressam o momento histórico do fim da Primeira Grande Guerra (1914-1918), marcado por uma miséria extrema e grande onda de fome, bem como do impacto da gripe espanhola que atingiu grande parte da população brasileira. Como bem expressa essa passagem:

---

\* Doutor em Sociologia pela UnB - é professor de Sociologia do Instituto de História e Ciências Sociais da UFCAT/GO, é coautor do e-Book *A nova (e a antiga) realidade do mais-valor: Diálogos sobre trabalho e capitalismo no século XXI* (Foz do Iguaçu, CAEC, 2022). E-mail: josesoares@ufcat.edu.br.

Lembro muito da gripe espanhola porque fiquei bem ruim. Todos, menos o Alfredo, pegaram a gripe na minha casa. Foi dado esse nome porque nesse tempo vinham muitos espanhóis para cá e logo depois veio a gripe. Era tanta gente que morria que não havia possibilidade de atender a todos. Quem tinha caminhão se prontificava a carregar os mortos até o lugar indicado pela Santa Casa. São Paulo não tinha o preparo de hoje, não tinha injeções. Foi uma gripe tão agressiva que já não davam conta de fazer remédios. Só limão. Numa certa hora acabaram também os limões em São Paulo. Eu comia muito pouco, só tomava água com limão. Eu cheguei a ver meu caixão. O médico disse que a gripe tinha três tempos: fraco, forte, mata. Eu tinha pegado a forte (Bosi, 1995, p. 130).<sup>1</sup>

Para recuperar a memória social, a autora investiu, em profundidade, no pensamento filosófico metafísico da Henry Bergson (a rica fenomenologia da lembrança que ela persegue em sua obra), na psicologia social de Maurice Halbwachs (para quem a memória não é sonho, é trabalho; nos quadros sociais da memória, a memória da pessoa está ligada diretamente ao grupo; e esta por sua vez, à memória coletiva de cada sociedade), passando por Benjamin (a arte da narrativa: o narrador como mestre do ofício que conhece seu mister; o narrador que tira o que narra da sua própria experiência e a transforma em experiência dos que o escutam), Simone de Beauvoir (ao tratar da memória da velhice, da reificação social a que o velho é submetido, na sociedade de classes...), Bartlett (a matéria da recordação - o que se lembra – e o modo da recordação - como se lembra; ou seja; “fica” o que significa. E não fica do mesmo modo: às vezes quase intacto, às vezes profundamente alterado).

Como bem ressalta Procópio e Azevedo (2019), a filósofa Simone de Beauvoir foi uma pioneira e uma das mais influentes escritoras no mundo, deixando uma vasta obra sobre o tema, que se transformou em um legítimo legado à humanidade. No entanto, a publicação do livro intitulado *A Velhice*, em 1970, estremeceu a sociedade, especialmente dos países ocidentais, expondo, de forma contundente e crítica, a exclusão, o abandono e o desprezo experienciados, de maneira desumana, pelos velhos na sociedade do espetáculo (Debord, 2017).<sup>2</sup>

---

<sup>1</sup> Depois de um século, estamos vivenciando algo semelhante, com a pandemia da Covid-19 que, no Brasil, já se aproxima de 700 mil mortes e mais de seis milhões no mundo, causando uma verdadeira hecatombe, sendo a maioria de idosos e idosas. São tempos difíceis de pandemia e de pandemônio, marcados pela política negacionista e profascista do governo Bolsonaro. São os contornos de nossos trágicos tempos: destrutivo, letal e belicista, como bem assinala o sociólogo Ricardo Antunes (2022).

<sup>2</sup> A partir de Guy Debord, Iná Camargo Costa entende que: “Para destruir a sociedade do espetáculo é preciso pôr em ação uma força prática. A teoria crítica do espetáculo só se torna verdadeira ao unificar-se à corrente prática da negação da sociedade de classes. E esta negação, a retomada da luta de classes revolucionária, se tornará consciente de si ao desenvolver a crítica do espetáculo, que é a teoria das suas condições reais, as condições práticas da opressão atual” (Costa, 2017, p. 2).

A autora retoma ainda, na esteira de Jacques Loew, a comunidade de destino<sup>3</sup> (o envelhecimento, a memória de velhos), para enfatizar a dialeticidade existente entre sujeito/objeto e objeto/sujeito no que diz respeito aos procedimentos metodológicos utilizados em sua pesquisa:

Nesta pesquisa fomos ao mesmo tempo sujeito e objeto. Sujeito enquanto indagávamos, procurávamos saber. Objeto quando ouvíamos, registrávamos, sendo como que um instrumento de receber e transmitir a memória de alguém, um meio de que esse alguém se valia para transmitir suas lembranças (...) Significa sofrer de maneira irreversível, sem possibilidade de retorno à antiga condição, o destino dos sujeitos observados (Bosi, 1995, p. 38).

Para estruturar sua obra, Ecléa Bosi segue as seguintes démarches metodológicas: 1) começa pela reflexão mais geral sobre o fenômeno da memória em si, passo a marcar o seu nexos íntimo com a vida social; 2) procuro entender a função de memória na velhice 3) transcreve, em seguida, o resultado das entrevistas com os oito sujeitos; 4) para, enfim, comentar os resultados e segurar alguns dos fios teóricos desenrolados desde o princípio do trabalho (Bosi, 1995).

O que nos parece surpreendentemente extraordinário, e até inaudito, na pesquisa realizada por Ecléa Bosi, é que, mesmo sem se preocupar com a veracidade dos fatos históricos narrados pelos seus entrevistados, ela acaba reconstituindo parte da história social do país. De acordo com a técnica desenvolvida pela autora, não é sua preocupação confrontar fontes oficiais e documentais para justificar sua pesquisa. Usando de toda franqueza e de uma honestidade intelectual imprescindíveis aos grandes pesquisadores, a autora (1995, p. 37) faz a seguinte ressalva:

Não dispomos de nenhum documento de confronto dos fatos relatados que pudesse servir de modelo, a partir do qual se analisassem distorções e lacunas. Os livros de história que registram esses fatos são também um ponto de vista, uma versão do acontecido, não raro desmentidos por outros pontos de vista. A veracidade do narrador não nos preocupou: com certeza seus erros e lapsos são menos graves em suas consequências que as omissões da história oficial. Nosso interesse está no que foi lembrado, no que foi escolhido para perpetuar-se na história de sua vida.

---

<sup>3</sup> A ideia de comunidade de destino é proposta por Jacques Loew (padre militante Memória e sociedade em Ecléa Bosi), e, caso queira, colocar um subtítulo “Uma leitura metodológica e sociológica na trajetória de vida. Segundo Jacques Loew, é preciso que se forme uma comunidade de destino, para que se alcance a compreensão plena de uma dada condição humana. A expressão foi inspirada por quem viveu a conversão pelo deslocamento completo, assumindo por exemplo o trabalho operário como uma missão. A expressão designa, sob risco de algum enfraquecimento, o compromisso irreversível com a sorte e o azar dos oprimidos, um compromisso para a vida toda, um compromisso interior e de trabalho ombro a ombro, veio designar a amizade e a parceria (Gonçalves Filho, 2003).

Esta foi uma opção metodológica da autora, poderia ser outra... O silêncio dos vencidos, por exemplo, já foi focado, sob diferentes prismas, várias abordagens sociológicas, historiográficas ou até mesmo antropológicas.<sup>4</sup>

De qualquer forma, o livro *Memória e Sociedade*, de Ecléa Bosi, causou-me forte impressão. Em primeiro lugar, por ser um estudo sério, científico, que recorre a “história de vida”, participante, para recuperar a memória social e o modo de vida das pessoas, de homens e mulheres, tanto de classes trabalhadoras como das camadas médias, “baixa” e “alta”. Sociologicamente falando, a história de vida pode ser definida como um relato das situações sociais vividas por um indivíduo, ordenadas cronologicamente. Em segundo lugar, pelo fato de a autora ter recorrido a uma determinada prática de pesquisa que procurou utilizar como recurso a técnica de gravador no registro da informação viva de seus entrevistados.

O que chama a atenção de todos nós é que, utilizando todo um instrumental de trabalho, a técnica de gravador e a transcrição deste material para a escrita, seguido da composição/síntese desse material, tenha chegado ao projeto inicial, conseguindo responder aos questionamentos colocados, permitindo assim a divulgação e a publicação do trabalho para um público o mais amplo possível. E foi com base nessas histórias de vida, nos relatos vivos em suas experiências, desses oito atores sociais, que a autora conseguiu reconstituir as lembranças e as memórias históricas de uma geração de velhos. Como bem lembra a autora: “Não pretendi escrever uma obra sobre memória tampouco sobre velhice. Fiquei na intersecção dessas realidades: colhi memórias de velhos” (p. 39).

A memória, onde navegam as histórias de vida narradas, é um engenho delicado para todos. Ela é e precisa ser imprecisa e inventiva, pois muito da plasticidade da existência cabe a ela. As memórias jamais devem se enrijecer, sob pena de perder os códigos que conformam seu funcionamento. Seus mecanismos rejeitam a rigidez, colocam em suspensão o que é repetitivo e perseguem a invenção. A fruição da memória faz eco aos fluxos e ao imponderável da vida, ofuscando o que é convencional, individual ou socialmente. O que importa ao sujeito é a forma como a coisa foi vivida, ou seja, como determinada vivência pregressa compõe com os fatos e elementos afetivos atuais.

A memória é fazer constante, movente. Para Ecléa Bosi, “a memória não é sonho, é trabalho (...) lembrar não é reviver, é refazer, reconstruir, repensar com ideias de hoje, as

---

<sup>4</sup> Ver DE DECCA, Edgar S. O silêncio dos vencidos. São Paulo: Brasiliense, 1988.

experiências do passado”. Lembrar não é viver de novo, é construir - sempre de outro jeito - o vivido, que se torna novo, nosso. A memória não é um estado de coisas, uma bagagem, não é segura, confiável ou blindada (como costumamos pensar). A memória é processo: deslocamento (Bosi, 1995).

A autora, ao longo de sua pesquisa, nos sugere que não se limitou apenas a transcrição pura e simples das fitas gravadas; ela procurou apreender e captar nos depoimentos recolhidos o reordenamento dos fatos, fazendo recortes para evitar a monotonia e a repetição, depurando assim as narrativas, privilegiando e conservando sua validade como documento histórico escrito. Esse é um detalhe muito importante, porque no mais das vezes, nas histórias de vida, nos trabalhos realizados, o material recolhido nem sequer é analisado, recortado para possível utilização. Não é o caso de Ecléa. Em sua obra, os depoimentos expressam a vivência de diferentes atores sociais. Com isso fica claro o quanto é desperdiçado de histórias vivas, de memória individual e coletiva, de seres humanos de carne e osso, que atuam sobre a sociedade humana, com base na *práxis* social cotidiana. Seres esses que fazem história, que criam, labutam, brincam, produzem, vivem, crescem e morrem. Quantas histórias de vida se perdem todos os dias simplesmente por não serem devidamente registradas, documentadas! O que é uma perda para as próprias Ciências Sociais, que não consegue acompanhar essa riqueza de conhecimento, que são as inúmeras histórias de vida, que brotam e nunca são registradas.

A partir das lembranças de personagens vivos, a autora vai recompondo, magistralmente, cada quadro de memória, que ora expressa momentos de alegria, tristeza, angústia, solidão, abandono, descaso, mas expressa igualmente opressão, sofrimento, repressão, discriminação, dependência, crueldades, das quais os velhos são vítimas, em uma sociedade marcada fundamentalmente pelas contradições de classes, pela concorrência e pela competitividade. Nessa sociedade da vida e da morte, o mercado e a “livre iniciativa” é que são enaltecidos, as relações sociais são fetichizadas; o mundo da coisidade adquire vida, é a desrealização do ser social, como bem define Marx em *O Capital* (1983).

A pesquisa da Ecléa tem algumas particularidades: a idade de seus 8 (oito) interlocutores ultrapassa 75 de idade; onde alguns de nível médio a superior, outros de baixas camadas sociais. São eles: D. Alice, D. Brites, Sr. Abel, Sr. Amadeu, Sr. Ariosto, Sr. Antônio, D. Risoleta e D. Jovina. As histórias de vida desses personagens cobrem um

vasto painel, que vai desde à infância, adolescência, juventude, cobrindo o período início do século atual até os nossos dias. Como é possível constatar, os participantes se atêm muito mais aos acontecimentos pretéritos do que nos atuais. O que é bastante comum nas pessoas com idade mais avançada.

No meu campo de observação estavam velhos recordadores que nasceram no começo do século XX no Brasil. Os anos 1920 e 30 formam a substância de suas lembranças. Pertenceram (uso o pretérito porque eles já se foram) quase todos à classe média baixa que se constituiu com a migração europeia em São Paulo (Bosi, 2003, p. 21).

A autora descreve memórias de oito velhos. O primeiro relato é de Dona Alice que diz ter se sentido muito honrada com a entrevista, refutando a importância do exercício de lembrar; relembrou com mais interioridade do que o senhor Amadeu, este que destacou suas experiências trabalhistas. O senhor Ariosto, por sua vez, enfocou que esse processo de rememoração o fez rejuvenescer; citou que os velhinhos merecem mais compaixão, pois usando as palavras do senhor Amadeu: “eles também trabalharam”. Contrastando com os demais, o senhor Abel é o que aparenta ter uma condição financeira mais elevada; o senhor Antônio, é o que não mora em abrigo, mas com a sua esposa, Rosa. Dona Jovina foi professora e hoje (entendido aqui como sendo o momento da entrevista), cuida de refugiados políticos. Dona Brites, sua irmã, foi dos entrevistados, a mais intelectualizada, teve uma participação culturalmente política em sua juventude. Em conformidade com os (re) sentimentos de todos, Dona Risoleta, a menos abastada dos oito, expressou através de signos linguísticos simbólicos, que se sentiu feliz ao momento da “rememoração”, pois estava “burilando o seu espírito” (Sobreira, 2013).

Bergsonianamente falando, em *Matéria e Memória* (1999), poderíamos afirmar que o espírito abarca o passado, ao passo que o corpo está confinado num presente que recomeça sem cessar. Mas lembramos o passado apenas porque nosso corpo conserva ainda presentes os traços dele. As impressões que os objetos imprimem no cérebro aí permanecem como imagens numa placa sensível ou fonográfica, que da mesma forma que o disco repete a melodia quando o aparelho é acionado; o mesmo ocorre com o cérebro que ressuscita a lembrança quando a estimulação desejada se produz no ponto em que a impressão está depositada. Assim a alma não ultrapassa o corpo nem no espaço nem no tempo... No tempo, o corpo é matéria, a matéria está no presente e, se é verdade que o passado aí deixa seus traços, são traços de passado apenas para uma consciência que os

percebe e interpreta o que percebe à luz do que ela recorda: a consciência, ela sim, retém o passado, enrola-o sobre si própria na medida em que o espírito, o corpo, a memória, a matéria e a consciência, enfim, todos os conceitos, toda à fenomenologia bergsoniana, são apreendidos por Ecléa Bosi, com muita propriedade, no sentido de reter o que há de mais importante na contribuição filosófica de H. Bergson, para compreender a relação: matéria e memória. Bergson opera com um conceito muito importante, o de duração, que, ao que parece, nos ajuda compreender o papel da memória diante dos fatos.

Para Bergson (1999), com seu método introspectivo, ao contrário de Halbwachs (2004b) - que dá ênfase à memória como fenômeno social, não há estado de alma, por mais simples que seja, que não mude a cada instante, pois não há consciência sem memória, não há continuação de um estado sem adição, ao sentimento presente, da lembrança de momentos passados. Nisto consiste a duração. A duração interior é a vida contínua de uma memória que prolonga o passado no presente, seja porque o presente encerra distintamente a imagem incessantemente crescente do passado, seja, mais ainda, porque testemunha a carga sempre mais pesada que arrastamos atrás de nós, à medida que envelhecemos. Sem esta sobrevivência do passado no presente, não haveria duração, mas somente instantaneidade. A grandeza maior de Ecléa Bosi está em ter sabido conciliar, na arquitetura de sua intersecção metodológica, a somatória de elementos compósitos de outras abordagens teóricas, para daí, buscar, através da realidade social, a reconstituição da memória de velhos.

O *locus* privilegiado de sua pesquisa é a cidade de São Paulo, o centro nervoso do proletariado industrial, e das grandes contradições sociais, e de classes. No âmbito desse *locus*, conforme lembra a autora, “existem certas classes que atribuem a si o conhecimento; e a opinião, ao povo. O limite entre a opinião sadia e a demência não é traçado pelo conhecimento do concreto, mas por essas classes. A sua opinião se substitui à verdade do fato” (Bosi, 1992, p. 115).

A realidade social é reificada. E a reificação das relações sociais (lembrada tantas vezes por Marx e por outros pensadores), como bem o sabemos, significa conceber os produtos humanos como se eles fossem outra coisa que não produtos humanos: realidades da natureza, efeitos de leis cósmicas, ou revelações de uma vontade divina. Implica também no esquecimento do ser humano como autor do mundo humano, ou seja, uma relação onde a dialética entre produtor humano e os seus produtos se perdeu, ou se

hipostasiou. Um mundo reificado é, antes de tudo, um mundo desumanizado. E não é esse o mundo, em que Ecléa Bosí procurou pesquisar, através de seu próprio método, a interseção dessas complexas realidades, para colher memórias de velhos?

Aqui, Ecléa Bosí, parece levantar, a um só tempo, uma preocupação de caráter metodológico e epistemológico:

Como passar opinião para o conhecimento? Pensar não é uma atividade subjetiva, é um relacionamento entre sujeito e objeto. É só essa relação com o objeto que nos faz passar da opinião para o conhecimento. Mas a não reciprocidade das relações entre sujeito e objeto é uma característica da nossa sociedade. O pensamento não é uma potência formal que se alimenta de si mesmo. Deve voltar-se para o mundo e, se for um pensamento prudente, deve prover com objetos os seus conceitos. A opinião sem recurso aos fatos gera uma razão interna que incorpora a si só o que lhe é semelhante, vendo em tudo confirmação de si própria. Falta-lhe a liberdade para o objeto, de que fala Hegel, que é a liberdade que o pensamento tem de assumir a diferença das coisas. E a coisa pertence ao mundo, não reatuação mecânica da opinião. Na vida prática, não temos sempre condições de transformar em conhecimento: a verdade fica sendo a opinião comum. A técnica acentua, no dia-a-dia, esse caráter mágico de não verificabilidade (Bosí, 1992, p. 116).

A dialeticidade entre sujeito-objeto, e vice-versa, é enfatizada pela autora para tentar demonstrar que a busca do conhecimento não está livre de preconceitos, da “falsa consciência, dos estereótipos, das relações sociais coisificadas. Para evitar as ‘armadilhas’, no campo metodológico ou epistemológico, o espírito não se imobiliza nem na aceitação, nem na negação, mas tem que se empenhar numa vontade em luta contra o falso, numa vontade de consciência total e prática. Tendo claro que: “só merece de nós um esforço aquilo que amarmos. Chegando ao fim deste exercício, vamos voltar ao princípio. Tudo começa numa afinidade, numa simpatia do sujeito da percepção e da ação pelo seu objeto” (Bosí, p. 118).

Parafraseando a autora, poderíamos afirmar que se coloca diante do pesquisador, do cientista, do sociólogo, do historiador, do psicólogo, a iniciativa de procurar simpatizar para que ele possa voltar às coisas, e às pessoas; e a partir daí, aprender, como queria Bergson, tratar à vida como camarada. E não foi, exatamente isso, que Ecléa Bosí conseguiu realizar, ao longo de sua obra: *Memória e Sociedade - Lembranças de Velhos*?

A construção discursiva acerca do passado/presente parte essencialmente de duas questões: “o que lembrar?” e “para que(m) lembrar?”. Nossa proposta não é praticar um reducionismo, mas pontuar como estas questões dialogam com a sociedade local. Com isso, analisaremos quais elementos contribuem para construção desta narrativa.



Primeiramente, “o que lembrar?” parte da premissa de que “é pela memória que se puxam os fios da história. Ela envolve a lembrança e o esquecimento, a obsessão e a amnésia, o sofrimento e o deslumbramento [...] Sim, a memória é o segredo da história, do modo pelo qual se articulam o presente e o passado, o indivíduo e a coletividade. O que parecia esquecido e perdido logo se revela presente, vivo, indispensável. Na memória escondem-se segredos e significados inócuos e indispensáveis, prosaicos e memoráveis, aterradores e deslumbrantes” (Ianni, 1999, p. 10).

A propósito, o sociólogo Octavio Ianni, em artigo para a revista *Caros Amigos*, referindo-se à peça teatral *Lembrar é Resistir*, de autoria de Anely A. Pinto e Izaías Almada, afirma (1999, p. 10):

Este é um magnífico e alucinado mergulho na memória e na história. Com um mínimo de elementos, resgata praticamente o acontecido. O que estava perdido ou proibido, encoberto pelo esquecimento, logo se revela vivo, tenso, contundente. Diz respeito ao indivíduo e à coletividade, à biografia e à história. Amarra o presente ao passado, pela audácia da imaginação e pelo talento da criação. Revela a estrada percorrida; alerta sobre a estrada que se percorre; prenuncia a lonjura da estrada seguindo lá longe.

Maria Luísa Magalhães Nogueira *et al.* (2017) entendem que o método (na verdade, uma técnica de pesquisa) de história de vida participa da metodologia qualitativa biográfica na qual o pesquisador escuta, por meio de várias entrevistas não diretivas, gravadas ou não, o relato da história de vida de alguém que a ele se conta. Nesse processo, a relação entre pesquisador e aquele que narra sua história é um ponto essencial e só acontece na presença de um vínculo de confiança mútua que é construído ao longo de um processo. Ao fim da escuta, todo o material é transcrito e discutido entre o interlocutor e o pesquisador, que, a partir de então, fará um mergulho analítico para buscar identificar naquele material as pistas que o ajudarão a tentar responder suas questões de pesquisa. Conforme ressalta Marilena Chauí na *Apresentação* ao livro de Ecléa Bosi (1995, p. 21): “Ler é retomar a reflexão de outrem como matéria-prima para o trabalho de nossa própria reflexão”.

Do ponto de vista da leitura metodológica, é importante ressaltar um outro aspecto relevante que a autora leva em consideração: a partir do linguista Roman Jakobson, Ecléa retoma a ideia do pesquisador, enquanto observador participante. O ponto de partida dessa síntese se encontra na seguinte afirmação: a observação mais completa dos fenômenos é a do observador participante. Uma pesquisa é um compromisso afetivo, um trabalho com o

sujeito da pesquisa. É ela tanto mais válida se o observador não fizer excursões saltuárias na situação do observado, mas participar de sua vida. Mas, em seguida, a autora parece sugerir a título de alerta para uma eventual ambiguidade. A expressão ‘observador participante’ pode dar origem a interpretações apressadas. Não basta a simpatia (sentimento fácil) pelo objeto da Revolução de 1930: o quererismo, o Estado Novo, o Integralismo de Plínio Salgado; a chamada Intentona Comunista (ANL, em 1935); a participação feminina na vida política, o voto, a Constituinte de 1946: legalização do PCB; a morte de Getúlio Vargas, em 1953, o governo JK e a política desenvolvimentista, nos anos 1950, o golpe militar de 1964 etc. Todos esses acontecimentos (e muitos outros) perpassam a memória dos atores sociais entrevistados. Nesse contexto, nos parece importante lembrar, como Leon Trotsky (2022), que “a memória dos homens sempre foi generosa com as grandes finalidades históricas da humanidade” (Trotsky, 2022, p. 196).

Mortada (2022) entende que a cadência da sociedade industrial fragmenta a memória, nos aprisiona no presente. “A sociedade industrial é maléfica para a velhice”, diz Ecléa Bosi (p. 77). O capitalismo potencializa essa propriedade fabril, na medida em que encurta os tempos, intensifica as informações e torna nossa relação com elas, com o mundo e com as pessoas superficiais. Corrói diretamente o que sedimentaria a memória. A arte de narrar é avessa, portanto, à fragmentação inerente ao trabalho alienado. Propiciá-la, em si, já consiste em uma forma de resistência.

Como bem descreve o crítico literário João Alexandre Barbosa (1995, p. 14) no Prefácio do livro de Ecléa: A partir da perspectiva benjaminiana, Ecléa Bosi sabe que “a memória é a faculdade épica *par excellence*”. Mas Benjamin vai ainda mais longe: “O narrador conta o que ele extrai da experiência - sua própria ou aquela contada por outros. E, de volta, ele a torna experiência daqueles que ouvem a sua história”.

Para Benjamin, o que distingue o narrador do romancista é que este último “isolou-se a si mesmo”. João Alexandre Barbosa (1979, p. 14), parafraseando Walter Benjamin, afirma que “O lugar de nascimento do romance é o indivíduo solitário que não é mais capaz de expressar-se a si mesmo, dando exemplos de suas mais importantes preocupações, ele próprio sem conselhos e não podendo aconselhar os outros”. Conservando-se no nível da narração (no sentido de Benjamin), Ecléa Bosi é, ao mesmo tempo, ouvinte e narradora, possibilitando a passagem pura da memória, num lance de extrema felicidade composicional (Mortada, 2022).

O sistema capitalista de exploração não tem a devida preocupação com os velhos, não investe em políticas protetivas dos idosos, que passam a ser substituídos pelo trabalho precário dos jovens. Com a nova divisão social do trabalho e a implementação das inovações tecnológicas e das mudanças organizacionais e a passagem do taylorismo e do fordismo ao toyotismo, vive-se o primado da mercadoria sobre o homem, elimina-se da indústria os velhos trabalhadores. Nessas condições, antigas profissões são extintas e o velho, descartado. Podemos observar bem essa situação no filme *Eu, Daniel Blake* (2016), de Ken Loach, que, com a ofensiva do neoliberalismo e a crise do *welfare state* e a implementação da flexibilização do trabalho, o trabalhador acabou de perder a esposa e gostaria de continuar no emprego em que está há anos, trabalhando como marceneiro, uma profissão da era fordista. Daniel Blake é um trabalhador que sofre um ataque cardíaco e busca por assistência financeira governamental, em uma cidade inglesa, nos dias atuais. Daniel busca na previdência, auxílio por incapacidade laboral já que os médicos o proibem de trabalhar pelo risco iminente de vida, mas vendo que o processo burocrático é moroso, ele decide buscar assistência por meio do seguro desemprego inglês. Por questões burocráticas, acaba não recebendo os benefícios sociais, e morre.<sup>5</sup>

Monteiro e Assis (2019), em sua pesquisa, apontam que, no contexto brasileiro, o processo de envelhecimento da população brasileira possui características específicas que, de certa forma, acentuam a condição estigmatizada e excludente em que essas pessoas vivem, principalmente, por se tratar de uma estrutura social marcada, historicamente, por desigualdades sociais extremas, em meio às quais a produção da riqueza está diretamente associada à exploração e espoliação da classe trabalhadora, tanto no contexto rural como nas grandes metrópoles. Chama a atenção para essa realidade quando nos fala a respeito desse fenômeno que está ocorrendo em um contexto de grandes mudanças sociais, culturais, econômicas, institucionais, reconfigurando assim o sistema de valores, os arranjos familiares (Monteiro; Assis, 2019).

---

<sup>5</sup> Dardot e Laval (2016) afirmam que [...] o efeito procurado pelas novas práticas de fabricação e gestão do novo sujeito é fazer com que o indivíduo trabalhe para a empresa como se trabalhasse para si mesmo e, assim, elimine qualquer sentimento de alienação e até mesmo qualquer distância entre o indivíduo e a empresa que o emprega. Ele deve trabalhar para sua própria eficácia, para a intensificação de seu esforço, como se essa conduta viesse dele próprio, como se esta lhe fosse comandada de dentro por uma ordem imperiosa de seu próprio desejo, à qual ele não pode resistir (Dardot; Laval, 2016, p. 327). Ou seja, é transformar o trabalhador em déspota de si mesmo!

Indubitavelmente, a questão central é tomar o envelhecimento como um fenômeno que sofre determinações históricas, políticas, econômicas, sociais e culturais. Por conseguinte, é necessário compreender o envelhecimento dos que vivem do trabalho, já que é possível constatar uma dupla precarização, pois o trabalhador contemporâneo é, em geral, precarizado, e o envelhecimento, por sua vez, tende ao agravamento dessa precarização, uma vez que o Estado, em lugar de premiar o trabalhador idoso, castiga-o, por tornar-se menos produtivo e pela inevitável inatividade (Tavares, 2020).

Nesse sentido, para entendermos a velhice como expressão da questão social precisamos compreender o sistema capitalista, ou seja, o modo de produção capitalista caracteriza-se na forte luta de classes, sendo estas, a burguesia e o proletariado, na qual a primeira tem o seu crescimento e enriquecimento na exploração da classe trabalhadora “livre” e assalariada, tendo como principal característica a acumulação do capital, da propriedade e dos meios de produção, sendo o seu interesse pela classe proletária, esvaziado de qualquer sentido humano. E esta classe, destituída de meios de produção, amparada somente pela sua força de trabalho, sendo compelida a se submeter ao trabalho assalariado para a sua subsistência, logose vê, sem saída, nesse jogo de relações mercantis.<sup>6</sup>

As sociólogas Nadya Araujo Guimarães, Helena Sumiko Hirata e Kurumi Sugita (2011), ao estudarem o cuidado, as cuidadoras e o trabalho de *care* no Brasil, França e Japão observaram que a população com 65 anos ou mais desses três países em 2010, verifica-se que a sua velocidade de envelhecimento é mais pronunciada no Japão (onde os idosos alcançam 22,6% da população total). Na França (onde eles são 17%) existe uma tendência de crescimento em um futuro próximo, embora a um ritmo significativamente menor que o do Japão. Finalmente, no Brasil (onde eles representam apenas 6,9% da população total), esse incremento é mais recente, muito embora deva se constituir em um sério desafio no futuro próximo.

---

<sup>6</sup> Com o envelhecimento de parte da classe trabalhadora, a filósofa e socióloga do trabalho Helena Hirata (2020) tem desenvolvido inúmeras pesquisas sobre cuidado, cuidadores e cuidadoras de idosos e idosas na Europa, Japão e Brasil. No Brasil não há políticas públicas para o cuidado de pessoas idosas como a APA (Allocation Personnalisée d'Autonomie) na França ou o LTCI (Long Term Care Insurance) no Japão. O Brasil carece de financiamento público do cuidado, mas também de estruturas para acolher pessoas idosas em número suficiente. A propósito da cidade de São Paulo que a oferta de equipamentos públicos de cuidado está bem abaixo da demanda porque o número de idosos na população de São Paulo é de 1.733.664 pessoas (14,75% em 2018 segundo os dados da Fundação Seade) e o número de vagas nas instituições públicas de acolhida às pessoas idosas é de apenas 19.660. O que chama a atenção é que se trata de um trabalho em grande parte precário, com baixos salários, pouco reconhecido e pouco valorizado.

Face a tais tendências, e de acordo com os critérios estabelecidos pela Organização das Nações Unidas, o Japão seria uma sociedade “superidosa” (assim qualificada quando a parcela da população com 65 anos ou mais em relação à população total é igual ou superior a 20%); a França, uma sociedade “velha” (onde essa parcela representa entre 14% e 20%) e o Brasil estaria prestes a se tornar uma sociedade “em envelhecimento” (situação em que os idosos representam entre 7% e 14% da população). Os próximos cinquenta anos vislumbram, assim, e para os três países, uma perspectiva de envelhecimento significativo das suas respectivas populações (Guimarães; Hirata; Sugita, 2011).

A sociedade rejeita o velho, não oferece nenhuma sobrevivência à sua obra. Perdendo a força de trabalho ele já não é produtor nem reprodutor. Se a posse, a propriedade, constituem, segundo Sartre, uma defesa contra o outro, o velho de uma classe favorecida defende-se pela acumulação de bens. Suas propriedades o defendem da desvalorização de sua pessoa. O velho não participa da produção, não faz nada: deve ser tutelado como um menor. Quando as pessoas absorvem tais ideias da classe dominante, agem como loucas porque delinham assim o seu próprio futuro. Nos cuidados com a criança o adulto “investe” para o futuro, mas em relação ao velho age com duplicidade e má-fé. A moral oficial prega o respeito ao velho mas quer convencê-lo a ceder seu lugar aos jovens, afastá-lo delicada, mas firmemente dos postos de direção. Que ele nos poupe de seus conselhos e se resigne a um papel passivo. Veja-se no interior das famílias a cumplicidade dos adultos em manejar os velhos, em imobilizá-los com cuidados para “seu próprio bem”. Em privá-los da liberdade de escolha, em torná-los cada vez mais dependentes “administrando” sua aposentadoria, obrigando-os a sair de seu canto, a mudar de casa (experiência terrível para o velho) e, por fim, submetendo-os à internação hospitalar. Se o idoso não cede à persuasão, à mentira, não hesitará em usar a força. Quantos anciãos não pensam estar provisoriamente no asilo em que foram abandonados pelos seus! (Bosi, 1995, p. 78-79).

Maurice Halbwachs (2004a, p. 129) conseguiu apreender muito bem a importância da atividade mnêmica como função social do sujeito que recupera suas lembranças e a trajetória histórica de suas memórias. O velho expressa a razão de ser da memória social: da família, do grupo social, da instituição, da sociedade, de sua história de vida. Nas sociedades tradicionais

os velhos são os guardiões das tradições, não só porque eles as receberam mais cedo que os outros, mas também porque só eles dispõem do lazer necessário para fixar seus pormenores ao longo de conversações com os outros velhos, e para ensiná-los aos jovens a partir da iniciação. Em nossas sociedades também estimamos um velho porque, tendo vivido muito tempo, ele tem muita experiência e está carregado de lembranças. Como, então, os homens idosos não se interessariam apaixonadamente por esse passado, tesouro comum de que se constituíram depositários, e não se esforçariam por preencher, em plena consciência, a função que lhes confere o único prestígio que possam pretender daí em diante?

Com Ailton Krenak (2018), é possível uma abordagem comparativa interessante, que vem dos escritos indígenas, demonstrando que nas comunidades tradicionais a ancestralidade e o valor da memória de um velho não pode ser, simplesmente, substituída pelo vigor e, por vezes, pela imprudência dos mais jovens. Acabamos esquecendo nossas raízes na sociedade capitalista, mas para os indígenas só tem força se conseguem mantê-las vivas, a potência vem do sujeito coletivo. Nesse sentido, seu depoimento é enfático e incisivo:

Acho que biografias, ou “autoestórias”, como prefiro têm uma potência de evocar percursos da nossa formação e da nossa vida, da nossa experiência engajada, seja no contexto local, quando você vive numa pequena comunidade, ou quando você consegue extrapolar os limites dessa comunidade onde nos sentimos protegidos pela memória e pela história. Extrapolar esses limites da comunidade é uma rara experiência que algumas pessoas realizam conscientemente, de maneira ativa. A maioria de nós, cuspidos desse ambiente confortável, da vida familiar, do convívio no caso de uma comunidade indígena, ou uma dessas comunidades autônomas que vivem nas periferias do social, esse ambiente onde a vida prospera à revelia dos arranjos políticos e em geral - é como se estivéssemos vivendo em isolamento do mundo planejado, onde acontecem muitas invenções (...) Pessoas que cresceram escutando histórias profundas que reportam eventos que não estão na literatura, nas narrativas oficiais, e que atravessam do plano da realidade cotidiana para um plano mítico das narrativas e contos. É também um lugar da oralidade, onde o saber, o conhecimento, seu veículo é a transmissão de pessoa para pessoa. É o mais velho contando uma história, ou um mais novo que teve uma experiência que pode compartilhar com o coletivo a que ele pertence; isso vai integrando um sentido da vida, enriquecendo a experiência da vida de cada sujeito, mas constituindo um sujeito coletivo (Krenak, 2018, p. 3-4).

A partir da mesma perspectiva, Daniel Munduruku (2020) procura condensar essa experiência diferente com o tempo nas comunidades tradicionais. A relação com o aqui exposto é evidente, dispensando interpretações. O tempo indígena é circular, não é linear. É o tempo da natureza. Temos apenas passado e presente. O tempo da memória e o tempo do agora. Precisamos ir ao passado para dar sentido ao nosso existir agora. Esse é o movimento circular indígena. O velho educa as crianças, estabelece o equilíbrio, a circularidade em relação ao tempo. E sabemos com é importante ouvir. Todo mundo que observa, sabe que é necessário silenciar (Munduruku apud Mortada, 2022).<sup>7</sup> Visão de mundo que se contrapõe diametralmente ao eurocentrismo e o etnocentrismo que, com o *ego cogito/ego conquiro* nasceu, manifestou-se e consolidou-se no tempo da América

---

<sup>7</sup> Cf. Live (26/08/2020): Literatura indígena, ancestralidade e autonomia da cura. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=uQLvmCy1QLQ>

colonial.<sup>8</sup> Do nosso ponto de vista, pode-se afirmar que o ego conquistado foi construído em torno de quatro aspectos: em primeiro lugar, o encontro com o novo mundo; em segundo lugar, a construção de um “discurso” no qual o indígena está “integrado” na nova cultura ocidental; terceiro, submissão e, em quarto lugar, a civilização, isto é, introduzir os indígenas na visão de cidadania a partir da visão da modernidade (Montano, 2017).

Em *Meu Avô Apolinário*, Daniel Munduruku manifesta uma preocupação com o momento presente, pois o líder indígena recorre à memória ancestral ou tradicional de seu povo, representado pelo avô, para resolver seus conflitos existenciais.

Só não gostava de uma coisa: que me chamassem de índio. Não. Tudo, menos isso! Para meu desespero nasci com cara de índio, cabelo de índio (apesar de um pouco loiro), tamanho de índio. (...) E por que eu não gostava que me chamassem de índio? Por causa das ideias e imagens que essa palavra trazia. Chamar alguém de índio era classificá-lo como atrasado, selvagem, preguiçoso (Munduruku, 2009, p. 11).

O livro *Meu vô Apolinário* ao tratar das memórias individuais e coletivas de Munduruku, retoma algumas ideias importantes presentes na obra de Maurice Halbwachs (2004b, p. 71-72) ao argumentar que:

Se essas duas memórias se interpenetram com frequência, especialmente se a memória individual, para confirmar algumas de suas lembranças, para torná-las mais exatas, e até mesmo para preencher algumas de suas lacunas, pode se apoiar na memória coletiva, nela se deslocar e se confundir com ela em alguns momentos, nem por isso deixará de seguir seu próprio caminho, e toda essa contribuição de fora é assimilada e progressivamente incorporada à sua substância.

Com bem aponta o pesquisador Leandro Polastrini (2012), as memórias individuais não estão totalmente isoladas e fechadas, pois, para evocar seu próprio passado, as pessoas precisam em geral, recorrer às lembranças de outras, e se projetarem em pontos de referências externos, que às vezes são determinados pela sociedade. O que fica claro é que a cultura e os povos autóctones brasileiros devem romper com o lugar de folclorização, de passado, de não ser vista apenas como um artefato. Encontramos esse discurso nas palavras do velho Apolinário:

---

<sup>8</sup> O *ego cogito* foi precedido por um *ego conquiro*. A invasão e conquista da América inauguraram a ideia de raça em seu sentido moderno, argumenta Quijano (2005, p. 227-228): a diferença radical que pode ter se originado nas diferenças fenotípicas entre conquistadores e conquistados se consolidou a partir da formação de relações sociais fundadas no racismo e produziu novas identidades sociais: “índios, negros e mestiços”.

Nosso mundo está vivo. A terra está viva. Os rios, o fogo, o vento, as árvores, os pássaros, os animais e as pedras, estão todos vivos. São todos nossos parentes. Quem destrói a terra destrói a si mesmo. Quem não reverencia os seres da natureza não merece viver (Munduruku, 2009, p. 33).

Na Apresentação da obra, Marilena Chauí (1995, p. 18-19) discorre sobre como se manifesta a opressão dos velhos na sociedade capitalista.

Como se realiza a opressão da velhice? De múltiplas maneiras, algumas explicitamente brutais, outras tacitamente permitidas. Oprime-se o velho por intermédio de mecanismos institucionais visíveis (a burocracia da aposentadoria e dos asilos), por mecanismos psicológicos sutis e quase invisíveis (a tutela, a recusa do diálogo e da reciprocidade que forçam o velho a comportamentos repetitivos e monótonos, a tolerância de má-fé que, na realidade, é banimento e discriminação), por mecanismos técnicos (as próteses e a precariedade existencial daqueles que não podem adquiri-las), por mecanismos científicos (as “pesquisas” que demonstram a incapacidade e a incompetência sociais do velho). Que é, pois, ser velho na sociedade capitalista? É sobreviver. Sem projeto, impedido de lembrar e de ensinar, sofrendo as adversidades de um corpo que se desagrega à medida que a memória vai-se tornando cada vez mais viva, a velhice, que não existe para si mas somente para o outro. E este outro é um opressor. Destruindo os suportes materiais da memória, a sociedade capitalista bloqueou os caminhos da lembrança, arrancou seus marcos e apagou seus rastros.

É possível perceber que, em seus trabalhos metodológicos, Ecléa Bosi faz importantes recomendações. O pesquisador deve ter calma de ir a campo. Sugestão difícil diante dos prazos das agências de fomento. A confecção do roteiro dá trabalho, é instrumento que deve ser pensado. Não basta elencar temas, mas pensar também nas palavras, por mais que não leiamos o roteiro para o depoente. Ele deve ser construído com base em estudos sobre o tempo e o mundo do narrador. Ecléa (2003) recomendava não apenas o estudo da história dos acontecimentos vividos, mas a leitura de revistas, recurso a filmes, livros da época, elementos capazes de colocar o pesquisador mais próximo do que o depoente viveu (Mortada, 2022).

Nogueira et al. (2017, p. 20) parece colocar muito bem a questão, ao afirmarem que o método de história de vida é uma ferramenta que possibilita aos pesquisadores e sujeitos uma relação em que a ética e a dimensão da alteridade são fundamentais. As lembranças nesse processo não são simplesmente repetir um passado, e sim trabalho, reconstrução e deslocamento. O processo de recolher as histórias de vida se dá no tempo do encontro. Pesquisador e sujeito ao iniciarem esse processo aceitam um convite de compartilharem uma nova experiência, quando o pesquisador deve repensar



constantemente os lugares estabelecidos. A história de vida ressalta a abertura ao sujeito que narra e para isso esse encontro necessitará de interação e afeto.<sup>9</sup>

Ao dialogar com Ailton Krenak, Munduruku e as sociólogas Nadya Araujo Guimarães, Helena Sumiko Hirata e Kurumi Sugita (2011), procura-se (para evitar algum descompasso) ressignificar a abordagem de Ecléa Bosi, no contexto da sociedade contemporânea. Ao tratar de história e memória e do papel dos idosos na sociedade capitalista, os autores e autoras nos ajudam a compreender sociologicamente a situação e o modo de vida desses cidadãos e cidadãs em pleno século XXI. Daí a importância em procurar entender dialeticamente a trajetória de Ecléa Bosi e o elo que une as pesquisas desenvolvidas pelos autores e autores em questão. Como bem lembra o professor Samir Mortada (2022), Ecléa Bosi, com sua pesquisa, conseguiu avançar para além da necessária reconstrução de narrativas sobre as lutas dos oprimidos, sejam indígenas, mulheres, proletários, quilombolas. Ecléa, através de seu método e estilo, nos ensina outra estrutura e forma de relação com o tempo. Sua relação com o tempo é pensada, objetiva: um ato político de desalienação, de reapropriação humana do tempo e da experiência roubados pelo capital. O estilo de Ecléa é, em si, um ato político, instrumento de resistência necessário no atual contexto em que vivemos.

### Considerações finais

À guisa de conclusão, poderíamos nos indagar, juntamente com a autora qual à forma predominante de memória de um dado indivíduo? Presumo que uma das formas corretas seria levar o sujeito a fazer sua autobiografia. A narração da própria vida é o testemunho mais eloquente dos modos que a pessoa tem de lembrar. É a sua memória. Sem esquecer, como diria Benjamin, que o perigo ameaça tanto a existência da tradição como os que a recebem. Para ambos, o perigo é o mesmo: entregar-se às classes dominantes, como seu instrumento. Para aumentar o lucro, o capitalismo procura a todo o custo aumentar a produtividade. À medida que os produtos se tornam mais abundantes, o sistema exige uma alta do rendimento. Os velhos trabalhadores não são capazes de se adaptar às

---

<sup>9</sup> Para Bourdieu (1996), pensar a vida como uma história implica considerá-la algo que “transcorre, segundo uma ordem cronológica que também é uma ordem lógica, desde um começo, uma origem, no duplo sentido de ponto de partida, de início, mas também de princípio, de razão de ser, de causa primeira, até seu término, que é também um objetivo” (idem: 184).

cadências impostas aos operários. Ficam reduzidos ao desemprego, e a sociedade os trata como párias (Beauvoir, 2018, p. 254).<sup>10</sup>

Nesta obra, Beauvoir nos apresenta passagens célebres e marcantes que expressam de maneira magistral a atual situação do velho na sociedade de classes:

Ao envelhecer, os explorados são condenados, senão à miséria, pelo menos a uma grande pobreza, a moradias desconfortáveis e à solidão, o que acarreta neles um sentimento de decadência e uma ansiedade generalizada. Se o aposentado fica desesperado com a falta de sentido de sua vida presente, é porque o sentido de sua existência sempre lhe foi roubado. Como deveria ser uma sociedade, para que, em sua velhice, um homem permanecesse um homem? A resposta é simples: seria preciso que ele fosse sempre tratado como um homem. A velhice denuncia o fracasso de toda a nossa civilização. É o homem inteiro que é preciso refazer, são todas as relações entre os homens que é preciso recriar, se quisermos que a condição do velho seja aceitável. Um homem não deveria chegar ao fim da vida com as mãos vazias, e solitário (Beauvoir, 2018, p. 552).

Hoje, o homem idoso não pode mais pressupor essa espécie de eternidade: o movimento da História acelerou-se. Ela destruirá amanhã o que se construiu ontem. O velho, na sociedade capitalista, segue sendo descartado e o elo de ligação que unia as gerações vão se tornando cada vez mais tênues. Simone de Beauvoir (2018, p. 391) parece expressar com nitidez essa situação:

As árvores que o velho planta serão abatidas. Em quase todos os lugares, a célula familiar desintegrou-se. As pequenas empresas são absorvidas pelos monopólios, ou então deslocam-se. O filho não recomeçará o pai, e este último sabe disso. Quando ele desaparecer, a propriedade será abandonada, a loja vendida, o negócio liquidado. As coisas que realizou e que davam sentido à sua vida encontram-se tão ameaçadas quanto ele.

Ao longo deste trabalho, foi possível apreender e recompor o quadro da história de vida, da memória dos entrevistados e de seus sujeitos. No melhor estilo e espírito de Ecléa Bosi, talvez valha a pena evocar o grande escritor, Milan Kundera (1978): A luta do homem contra o poder é a luta da memória contra o esquecimento. Isso, com certeza, Ecléa procurou realizar, com muita singularidade. E olha... que conseguiu, e como...! É bem como dizia Ítalo Calvino (1993, p. 12): “um clássico é um livro que nunca terminou de dizer aquilo que tinha para ser dito”.

---

<sup>10</sup> Norbert Elias (2001) também procurou analisar sociologicamente como o abandono e isolamento dos idosos em nossa sociedade não podem ser explicados unicamente a partir da ideia de que idoso é improdutivo economicamente. É preciso, então, considerar os aspectos emocionais que interferem no abandono dos velhos e moribundos. É o que Elias chama de autoimagem - o modo como as pessoas se veem, se percebem - do ser humano que vive nas modernas sociedades industrializadas e urbanas e que não inclui a ideia do envelhecimento e da morte.

## Referências

- ANTUNES, R. *Capitalismo pandêmico*. São Paulo: Boitempo, 2022.
- BARBOSA, João Alexandre. Uma psicologia do oprimido [Prefácio]. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1979.
- BEAUVOIR, S. *A Velhice*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2018.
- BENJAMIN, W. *O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov*. In *Obras Escolhidas: magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas: magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- BERGSON, Henri. *Matéria e memória*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade - Lembranças de velhos*. São Paulo: Cia. das Letras, 1995.
- BOSI, Ecléa. “Entre a opinião e o estereótipo”. *Novos Estudos CEBRAP* nº 32, março/1992, pp. 111-118.
- BOSI, E. *O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.
- BOURDIEU, P. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, M.M. e AMADO, J. (Orgs.) *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: FGV, 1996.
- CALVINO, Ítalo. *Por que ler os clássicos*. São Paulo: Cia das Letras, 1993.
- CHAUÍ, M. Apresentação: os trabalhos da memória. In BOSI, E. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- COSTA, Iná Camargo. “Para compreender a Sociedade do Espetáculo”. *Outras Palavras*, 17-08-2017. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/186-noticias-2017/570813-para-compreender-a-sociedade-do-espetaculo>. Acesso em: 29/09/2022.
- DEBORD, G. *A sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2017.
- DARDOT, P., LAVAL, C. *A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal*. São Paulo: Boitempo, 2016.
- ELIAS, N. *A Solidão dos Moribundos, seguidos de envelhecer e morrer*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2001.
- GONÇALVES FILHO, José Moura. “Problemas de método em Psicologia Social algumas notas sobre a humilhação política e o pesquisador participante”. In: *Psicologia e Compromisso Social*. BOCK, Ana Mercês Bahia (org.). São Paulo: Cortez, 2003, pp. 193-239.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2004b.

HALBWACHS, M. *Los marcos de sociales de la memoria*. Caracas: Universidad Central de Venezuela, 2004a.

HIRATA, Helena. *Comparando relações de cuidado: Brasil, França, Japão: Brasil, França, Japão*. Estudos Avançados 34 (98), 2020.

\_\_\_\_\_. *O cuidado: teorias e práticas*. São Paulo: Boitempo, 2022.

HIRATA, H.; GUIMARÃES, N.; SUGITA, K. Cuidado e cuidadoras: o trabalho de care no Brasil, França e Japão. *Sociologia & Antropologia*. v.01.01: 151-180, 2011. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/321860977\\_Cuidado\\_e\\_cuidadoras\\_O\\_trabalho\\_de\\_care\\_no\\_BRASIL\\_FRANCA\\_E\\_JAPAO](https://www.researchgate.net/publication/321860977_Cuidado_e_cuidadoras_O_trabalho_de_care_no_BRASIL_FRANCA_E_JAPAO). Acesso em: 02/10/2022.

IANNI, Octavio. “A ditadura militar no Cárcere”. In: *Caros amigos*. Nº 32, São Paulo, Casa Amarela, novembro de 1999.

KRENAK, A. A potência do sujeito coletivo - Parte I. *Revista Periferias*. Rio de Janeiro, v.01, n.01, 2018. Disponível em: <http://revistaperiferias.org/materia/a-potencia-do-sujeito-coletivo-parte-i/>. Acesso em: dez. 2022.

KUNDERA, Milan. *O Livro do riso e do esquecimento*. São Paulo: Círculo do Livro, 1978.

MARX, Karl. *O capital*. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

MONTANO, Rudy. *El ego conquiro como inicio de la modernidade*. Editorial Universidad Don Bosco, San Salvador, Teoría y Praxis No. 32, Enero-Junio 2018.

MONTEIRO, Yohana T.; ASSIS, Angela E. F. de. *A velhice como questão social frente ao sistema capitalista: Uma análise crítica*. Disponível em: [http://www.joinpp.ufma.br/jornadas/joinpp2019/images/trabalhos/trabalho\\_submissaoId\\_390\\_3905c93d53ceae7c.pdf](http://www.joinpp.ufma.br/jornadas/joinpp2019/images/trabalhos/trabalho_submissaoId_390_3905c93d53ceae7c.pdf); acesso em: 28/09/2022.

MORTADA, Samir Pérez. *Tempo e resistência: Ecléa e o método em psicologia social*. Psicologia USP, 2022, volume 33, e 210026. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pusp/a/s4G56ZdXyFDejKQX3yhtkrh/?format=pdf&lang=pt>

MUNDURUKU, Daniel. *Meu vô Apolinário: um mergulho no rio da (minha) memória*. São Paulo: Studio Nobel, 2009.

MUNDURUKU, D. (2020). *Literatura, ancestralidade e autonomia da cura*. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=uQLvmCy1QLQ>. Acesso em: 27/12/2022.

NOGUEIRA, Maria L. M. et al. “O método de história de vida: a exigência de um encontro em tempos de aceleração”. In *Pesqui. prá. psicossociais* vol.12 no.2 São João del-Rei abr./jun. 2017. Acesso em: 28/09/2022.

OLIVEIRA, Paulo de Salles. “*Memória e Sociedade*”: ciência poética e referência de humanismo. *Psicol. USP*, São Paulo, jan./mar. 2008, 19(1), 51-58.

POLASTRINI, L. F. *Ancestralidade e identidades em: Meu vô Apolinário: um mergulho no rio da (minha) memória*. III Simpósio Nacional Discurso, Identidade e Sociedade (III SIDIS), Unicamp, 2012. Disponível em: [https://www.iel.unicamp.br/sidis/anais/pdf/POLASTRINI\\_LEANDRO\\_FAUSTINO.pdf](https://www.iel.unicamp.br/sidis/anais/pdf/POLASTRINI_LEANDRO_FAUSTINO.pdf)

PROCÓPIO, L. R. B; AZEVEDO, L. G. N. “A influência e as repercussões da obra *A Velhice*, de Simone de Beauvoir, na produção literária brasileira sobre o tema do envelhecimento”. *Revista Kairós-Gerontologia* 22(2), 535-553. São Paulo, FACHS/NEPE/PEPGG/PUC-SP, 2019. Acesso em: 28/09/2022.

QUIJANO, Aníbal. *Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina*. Buenos Aires: CLACSO, 2005.

SOARES, Fernanda Lopes R. Resenha: *Memória e Sociedade: Lembranças de Velho*. *Revista Mosaico*. 2018 Jan./Jun.; 09 (1): 50-52.

SOBREIRA, D. N. *O ar da vida: memória social e histórias de velhos*. Oficina do Historiador, Porto Alegre, EDIPUCRS, v. 6, n. 1, jan./jun. 2013, pp. 145-148.

TAVARES, Maria A. “*Envelhecimento e trabalho na sociedade capitalista*”. *R. Katál.*, Florianópolis, v. 23, n. 1, p. 143-151, jan./abr. 2020.

TROTSKY, L. *Los crímenes de Stalin*. Obras Escogidas de Edicions Internacionals Sedov. Valencia, 2022.